

# RUY FABIANO

PONTO DE VISTA

## A lógica das listas

Há dias, os jornais registram que o senador Antônio Carlos Magalhães dispõe de explosiva lista de vetos, encaminhada ao presidente Fernando Henrique na terça-feira. Os vetos referem-se a funcionários que ocupam postos de confiança no governo sem dispor da necessária idoneidade moral.

Foram nomeados por indicação de políticos — por coincidência, adversários do senador baiano. No centro da questão, está uma nomeação, não digerida por ACM, para a superintendência do Ibama na Bahia, feita pelo ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause.

ACM não gosta de Krause, embora ambos sejam do PFL. Krause, político independente, não teme ACM e mantém a nomeação. ACM, então, parte para a segunda parte da estratégia, que é a de desqualificar o adversário. O expediente não é o novo. No governo passado, o senador, então governador da Bahia, tentou fazer o mesmo com Itamar Franco. Não deu certo. Itamar fingiu interesse, mas cuidou de esvaziar o assunto.

As acusações de então envolviam o ministro do Bem-estar Social, Jutahy Junior, e resultaram exatamente em nada. Sabia-se que podiam, até, ter consistência, mas estavam inapelavelmente contaminadas pela luta política regional. As circunstâncias agora são outras — e mais favoráveis a ACM.

O presidente Fernando Henrique não está seguro a respeito de sua maioria parlamentar. Atravessou

com alguma facilidade o primeiro semestre, mas sabe que pisa em ovos. Indispôs-se com alguns aliados — a bancada ruralista, por exemplo, com quase 150 parlamentares — e ainda não atendeu (nem se sabe se pretende atender) a numerosos aliados parlamentares. Há também a tensão política gerada junto a prefeitos e governadores em função da reforma tributária.

Mas as reformas continuam e, mais que nunca, o governo precisa de votos. É dentro desse ambiente que profissionais da política, como ACM, se movimentam com maestria. Daí a expectativa em torno do efeito (não exatamente do conteúdo) de sua lista.

Gerir uma base política eclética, onde muitos dos aliados são adversários entre si, não é tarefa fácil. E é essa a base política do governo. Não se trata apenas de adversário ideológico (o que há por exemplo, em comum entre os senadores Pedro Simon e o próprio ACM?), mas de adversários do mesmo partido, como Krause e ACM.

Para superar os desafios que o aguardam neste segundo semestre — reformas da Previdência, administrativa, tributária, político-eleitoral, entre outras —, o governo terá de gerir e digerir muitas listas como a de ACM, ouvir reclamações, atender a pedidos. A tática de cozinhar os aliados fisiológicos em banho-maria, usada no primeiro semestre, tem pernas curtas e já não funciona.